

CINDERELA ESTÁ MORTA: LITERATURA E EXPERIÊNCIA LÉSBICA

ANA GABRIELA DA SILVA VIEIRA¹;
MARCIO CAETANO²

¹Universidade Federal de Pelotas – ags.21@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – mrvcaetano@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Difícil quem não conheça a história de Cinderela, conto de fadas de popularidade histórica, que em forma escrita tornou-se famoso na versão de Perrault, publicada no final do século XVII. Neste conto, a protagonista – Cinderela – vive com sua madrasta e as duas meio irmãs más, sendo maltratada pelas três. Em um dado momento, as moças do reino são convidadas para um baile no palácio, onde o príncipe escolherá sua futura esposa. Cinderela conta com a ajuda de uma fada madrinha para ir a festa, na qual a protagonista e o príncipe se apaixonam.

Com variadas transformações, esse conto de fadas já foi reescrito em inúmeros livros infanto-juvenis, e até mesmo adaptado para produções audiovisuais, sendo a mais famosa, provavelmente, o desenho de animação produzido pelo *Walt Disney Studios* em 1950 – o sucesso da princesa Cinderela culminou na produção dos filmes *Cinderela 2*, *Cinderela 3* e *Cinderela (Live Action)*, também pela Disney.

Isso sem falar de outras produções literárias ou cinematográficas inspiradas no conto de fadas em questão, fazendo referência ao mesmo sem, necessariamente, reproduzi-lo. São exemplos: A Nova Cinderela, filme de 2004 dirigido por Mark Rosman; *Cinderelo*, filme dos Trapalhões de 1979 dirigido por Adriano Stuart; *Deu a Louca na Cinderela*, animação de 2007; O Natal de Cinderela, filme de 2019 dirigido por Michelle Johnston; *Em Busca da Cinderela*, livro de Colleen Hoover publicado em 2013, etc.

Além disso, Cinderela é personagem estampada em cadernos, mochilas e agendas infanto-juvenis e, também, aparece em bonecas e outros brinquedos. Dito isso, pode-se verificar que os discursos do conto de fadas Cinderela continua a reverberar na atualidade, na forma de diferentes artefatos culturais. Neste trabalho, gostaríamos de tratar especialmente do livro *Cinderela está morta*, de Kalynn Bayron. BAYRON (2021) lançou a obra em 2020, com o título original *Cinderella is dead*, e sua proposta passa por uma leitura lesbofeminista de Cinderela.

Antes de discorrer nossas análises dos discursos presentes em *Cinderela está morta*, cabe discutir o que seria uma leitura lesbofeminista. O feminismo lésbico, como aponta FALQUET (2008) foi um movimento que se fortaleceu na segunda metade do século XX, cujas teóricas questionaram o modo como o feminismo até então vinha compreendendo a heterossexualidade como natural.

Uma das pensadoras a fazer esse movimento foi WITTIG (2006) que argumenta que os discursos que circulam em nosso contexto social veiculam uma ideia de dominação da mulher, própria do pensamento heterossexual. A heterossexualidade, neste sentido, poderia ser entendida como um contrato baseado na opressão das mulheres (que para a autora, seriam como uma classe). RICH (2019) é outra teórica cujo pensamento é relevante para as teorias lesbofeministas, de forma que pauta que a heterossexualidade é algo compulsório para as mulheres, e que a forma de resistência estaria na experiência lésbica.

DE LAURETIS, ao falar sobre o feminismo lésbico, argumenta que a luta contra os “aparatos ideológicos y las instituciones socioeconómicas que oprimen a la mujer consiste en negar los términos del contrato heterosexual, no sólo en nuestra práctica de vida sino también en nuestra práctica de saber” (DE LAURETIS, 2000, p. 18). A autora diz, ainda, que ser lésbica é uma posição que ultrapassa limites sociopolíticos e pode ser entendida como uma posição de sujeito excêntrico.

Outra autora do feminismo lésbico, PISANO (2004), aborda o quanto as mulheres não são incentivadas a ter relações de afeto umas com as outras, entrando em jogos de poder nos quais o amor é uma estratégia heterossexual de dominação. Assim, para a autora, “ser lésbica” pode estar relacionado a possibilidades de constituir outras formas de vínculo e transgredir os desígnios de uma cultura misógina hegemônica.

A escrita literária vem sendo um modo pelo qual as mulheres vêm ressignificando e deslocando discursos, construindo e compartilhando suas experiências lésbicas. POLESSO (2020) a respeito disso, argumentando que a literatura não irá reproduzir a realidade, mas “atualiza o potencial dos referentes de realidade, o potencial da realidade expresso ou ainda não expresso. A literatura projeta horizontes” (POLESSO, 2020, p. 13). Para a autora, falar de literaturas lésbicas está ligado a ocupações de espaços, engendramento de resistências e desobediências.

2. METODOLOGIA

Em termos metodológicos, foi realizada uma leitura minuciosa da obra *Cinderela está morta*, para a realização de uma análise discursiva da mesma, pautada nos procedimentos analíticos propostos pelas teorizações foucaultianas. Nesse sentido, como em FOUCAULT (2014), os discursos são tomados como produtivos dos sujeitos e das formas de ser, pois neles funcionam mecanismos de poder.

Também é importante ressaltar que esse trabalho se insere em uma proposta metodológica feminista, cuja premissa é lançar mão de estratégias preocupadas com a valorização da experiência da mulher e da produção de investigações científicas não-sexistas. Segundo NARVAZ; KOLLER (2006), “metodologias feministas referem-se menos à adoção de técnicas específicas de coleta de dados que à inclusão dos aspectos de gênero e de poder na construção do conhecimento” (NARVAZ; KOLLER, 2006, p. 651).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em *Cinderela está morta*, a construção do enredo não passa pela reprodução do conto original de Cinderela, simplesmente trocando o casal heterosexual por um casal lésbico. Se se tratasse disso, talvez o livro fosse uma reafirmação dos discursos da heterossexualidade, deixando a protagonista Cinderela na mesma posição: a de ter como rivais outras mulheres, a de precisar ser salva por alguém e de se inserir na lógica do amor romântico.

BAYRON (2021) traz uma outra leitura do conto de fadas, na medida em que a história se passa séculos depois da morte de Cinderela, no reino ficcional de Mersailles: um cenário distópico no qual as mulheres não têm quaisquer direitos políticos ou sociais. Todas as adolescentes são obrigadas a ler a história de Cinderela quase como se fosse um texto sagrado e, anualmente, precisam frequentar o baile no palácio do rei, onde devem ser escolhidas com esposas por

algum homem. Ao não serem escolhidas, as jovens são consideradas criminosas, e passíveis de punições como o trabalho forçado.

A protagonista é uma jovem lésbica e negra, chamada Sophia, que inicia efetivamente sua busca por uma forma de vida não submissa ao fugir do baile, sem corresponder ao que é esperado dela e de todas as outras mulheres. Em sua fuga, ela encontra uma outra jovem (Constance) que descende das supostas meio irmãs malvadas de Cinderela. As duas não apenas vivenciam um romance, mas desmistificam o conto de Cinderela e desestruturam o regime político vigente em Mersailles.

No livro de BAYRON (2021), Sophia descobre que o Príncipe Encantado na realidade era o vilão, um homem sedento em sua busca de poder, e que Cinderela e suas irmãs foram mulheres que lutaram contra seu domínio e opressão. O conto de fadas, portanto, se desloca para um discurso da união entre mulheres (PISANO, 2004) e do desenvolvimento de uma consciência feminista (DE LAURETIS, 2000).

Em Cinderela está morta, Sophia e Constance partem de sua experiência lésbica para construir uma resistência e lutar não apenas contra um rei tirano, mas contra a misoginia que constitui a sociedade e dá aos homens possibilidade de explorar, possuir e violentar mulheres.

Embora o texto de BAYRON (2021) leve essa violência a um nível exacerbado, sobretudo se considerarmos as conquistas feministas que fazem com que as mulheres gozem de importantes direitos na atualidade, entendemos que o texto constitui uma alegoria para aquilo que WITTIG (2006) e RICH (2019) designam, respectivamente, como pensamento hetero e heterossexualidade compulsória.

Isto porque, embora as mulheres não sejam obrigadas por lei a obedecer seus maridos, frequentar bailes onde serão escolhidas como esposas e/ou ter na figura de Cinderela a referência de um ideal de mulher; há mecanismos sociais, culturais e discursivos que constituem a subjetividade das mulheres a partir do referencial da obediência, da submissão, do amor romântico e da prestação de serviços reprodutivos/sexuais. E nesse contexto, faz-se necessária a existência de artefatos culturais (como os textos literários, por exemplo) que forjam resistências e transgressões, ao invés de reforçar e fortalecer o discurso hegemônico do ideal de mulher e do sistema heterossexual.

4. CONCLUSÕES

Sendo o conto de fadas Cinderela um texto de relevância histórica e que ainda circula de diferentes modos e através de artefatos culturais variados, é relevante pensar em leituras e escritas de tal conto a partir de uma perspectiva feminista, que subvertem a lógica da mulher como sendo uma pessoa doce e submissa que, quando injustiçada, será salva por um homem.

Neste sentido, estudamos o texto Cinderela está morta, de BAYRON (2021), como possibilidade de deslocamento dos discursos do conto de fadas em questão, a partir de uma proposta de enredo centrada na luta das mulheres e na experiência lésbica.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAYRON, K. **Cinderela está morta**. Rio de Janeiro: Galera, 2021.

- DE LAURETIS, T. **Sujetos excéntricos.** La teoría feminista y la conciencia histórica, en Diferencias: etapas de un camino a través del feminismo. Madrid: horas y HORAS, 2000.
- FALQUET, J. Repensar as relações sociais de sexo, classe e “raça” na globalização neoliberal. **Mediações**, v. 13, n.1-2, p. 121-142, 2008.
- FOUCAULT, M. **A ordem do discurso.** São Paulo: Edições Loyola, 2014.
- NARVAZ, M.; KOLLER, S. Metodologias feministas e estudos de gênero: articulando pesquisa, clínica e política. **Psicologia em Estudo**, v. 11, n. 3, p. 647-654, 2006.
- PISANO, M. **El triunfo de la masculinidad.** México: Fem-e-libros, 2004.
- POLESSO, N. B. Sobre literatura lésbica e ocupação de espaços. **Estud. lit. bras. contemp.**, n. 61, p. 1-14, 2020.
- RICH, A. **Heterossexualidade compulsória e existência lésbica & outros ensaios.** Rio de Janeiro: A bolha, 2019.
- WITTIG, M. **El pensamiento heterosexual y otros ensayos.** Barcelona: Editorial EGALES, 2006.